

ANA CRISTINA DERETTI DOS SANTOS
BIANCA WEBER CRISTOFOLINI
JOANA REINERT VOIGT
NICOLE PATERNO MOREIRA
PAOLA BERTHI
THAINÁ MOTTA ALQUINI

**Um estudo de caso sobre a possível relação entre o bullying e o Transtorno
de Estresse Pós-traumático (TEPT)**

ANA CRISTINA DERETTI DOS SANTOS
HELOISA ANDRADE DE CARVALHO
JOANA REINERT VOIGT
LAURA JUNCKES
THAINÁ MOTTA ALQUINI
NICOLE PATERNO MOREIRA

Um estudo de caso sobre a possível relação entre o bullying e o Transtorno de Estresse Pós-traumático (TEPT)

Projeto de pesquisa desenvolvido no Programa Conectando Saberes do Curso Técnico em Modelagem do Instituto Federal de Santa Catarina, câmpus Jaraguá do Sul – Centro, como requisito de integração entre as unidades curriculares e como eixo condutor à pesquisa.
Orientador/a: Dra. Virgínia Ávila

Jaraguá do Sul (SC)
2022

Sumário

1. Tema	3
2. Delimitação do tema	3
3. Problema	3
4. Hipótese	3
5. Objetivos	4
5.1 Objetivo geral	4
5.2 Objetivos específicos	4
6. Justificativa	4
7. Fundamentação teórica	7
7.1 A história do Transtorno do Estresse Pós-traumático (TEPT)	7
7.2 Bullying e as consequências para a vida	11
8. Percursos metodológicos	14
9. Cronograma	16
10. Referências Bibliográficas	17

1. Tema

Um estudo de caso sobre a possível relação entre o bullying e o Transtorno de Estresse Pós-traumático (TEPT)

2. Delimitação do tema

Tendo em vista o alto índice de problemas de saúde mental na atualidade, faz-se necessário que a pesquisa científica, também à serviço do desenvolvimento crítico da comunidade, busque problematizar quais são os fatores desencadeadores das doenças psíquicas, para que sejam minimizados os casos e os impactos dessas doenças na vida dos indivíduos. Nesse sentido, este grupo de pesquisadores resolveu focar no diagnóstico médico-psicológico denominado Transtorno de Estresse Pós-traumático (TEPT), o qual pode ser leve, moderado e grave, caracterizado por sintomas tais como um estado de "atordoamento", acompanhado de tristeza, ansiedade, raiva e desespero, e a relação desse diagnóstico com o fator estressor advindo da prática do bullying. Ainda de acordo com a CID-10, após a exposição a algum evento traumático, como o bullying, muitos sujeitos apresentam retraimento da interação social, diminuição da atenção, desorientação aparente, raiva ou agressão verbal, desespero, desesperança, hiperatividade inadequada e pesar incontrolável e excessivo.

3. Problema

Unindo-se a proposta do Conectando Saberes às experiências escolares, entende-se que identificar em quais ambientes socializadores mais comuns um indivíduo pode passar por uma situação de bullying mostra-se tarefa basilar: *“Para que o bullying ocorra é necessário que os indivíduos convivam por um período prolongado em um mesmo contexto ou ambiente” (PIGOZZI e MACHADO, 2015).*

Pode-se estar envolvido no bullying como vítima (alvo), agressor (autor) ou vítima/agressor (alvo/autor). As vítimas normalmente não reagem às agressões, são mais inseguras, temem a rejeição e têm poucos amigos. Quando reagem às agressões, são consideradas vítimas/agressoras e costumam ter baixa autoestima, atitudes mais provocativas e agressivas e mostram-se menos populares que as vítimas típicas. Os agressores são descritos como líderes de grupos, populares, que demonstram insatisfação com a escola, têm opinião negativa e tendem a provocar seus colegas (PIGOZZI; MACHADO, 2015, p.3510)

Dessa forma, é possível inferir que um ambiente socializador, seja ele físico ou virtual, tem potencial para ser criada uma relação de agressor com vítima. O objetivo central desta pesquisa é analisar como a experiência do bullying pode ter influenciado a pessoa já diagnosticada com Transtorno de Estresse Pós-traumático. Segundo Figueira e Mendlowicz (2003), o conceito do evento traumático pode ser analisado e interpretado de diferentes formas por cada indivíduo. Sendo assim, uma situação frequente de bullying pode ocasionar uma experiência traumática e, dessa forma, fazer com que a vítima possa desenvolver o transtorno.

4. Hipótese

A prática do bullying¹, tão comum e apenas recentemente discutida na escola e na vida acadêmica, pode gerar efeitos severos, como o Transtorno de Estresse Pós-traumático, a longo prazo, na vida do indivíduo.

5. Objetivos

5.1 Objetivo geral

. Problematizar a possível relação entre o diagnóstico de Transtorno de Estresse Pós-traumático e o bullying como evento estressor².

5.2 Objetivos específicos

- . Analisar os fatores desencadeadores que levam um indivíduo que sofre bullying a desenvolver o Transtorno de Estresse Pós-traumático
- . Compreender os possíveis impactos advindos do Transtorno de Estresse Pós-traumático no dia a dia do indivíduo.

¹ O *bullying*, um tipo de violência que ocorre entre pares, apresenta três características principais: a intencionalidade, a repetição e o desequilíbrio de poder entre agressor e vítima, sendo um evento comum para adolescentes escolares. Trata-se de uma importante questão de saúde pública, devido às severas consequências que traz para a saúde e o bem-estar de crianças e adolescentes. A prevalência dessa prática em diversas partes do mundo, incluindo o Brasil, é alta: a prevalência de vitimização do *bullying* foi de 36%, e a de perpetração, de 35%, no ano de 2014. No Brasil, as três edições da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) mostraram uma tendência crescente de *bullying* entre adolescentes escolares, de 14,2% em 2009, para 16,5% em 2012 e 21,7% em 2015. <https://www.scielo.br/j/ress/a/pQJV7t5QxfsJK6bNtFWp3wj/?lang=pt>

² O termo estresse denota o estado gerado pela percepção de estímulos que provocam excitação emocional e disparam um processo de adaptação caracterizado, entre outras alterações, pelo aumento de secreção de adrenalina produzindo diversas manifestações sistêmicas, com distúrbios fisiológicos e psicológicos. O termo estressor por sua vez define o evento ou estímulo que provoca ou conduz ao estresse. <https://www.scielo.br/j/rprs/a/Jfqm4RbzipJhbxskLSCzmgjb/?lang=pt>

6. Justificativa

Conforme afirma Olweus (1991) *apud* Albuquerque; Williams; D’Affonseca (2013), o pesquisador que primeiro discorreu sobre a violência entre pares na escola, o bullying se refere a ações físicas e sociais negativas que são empreendidas intencional e repetidamente, ao longo do tempo, por uma ou mais pessoas contra um indivíduo que não consegue se defender facilmente. Essa prática implica, então, no uso do poder com claro objetivo de controlar os pares. Como se percebe, o estudo sistemático sobre bullying, ocorrido apenas na década de 90 do século passado, é historicamente recente, o que significa que muito ainda se pode problematizar acerca da temática. No Brasil, esse estudo ainda se mostra ainda mais recente e remonta aos anos de 2008 e 2009, com os pesquisadores Francisco & Libório (2009) *apud* Albuquerque; Williams; D’Affonseca (2013); e Neme, Mello, Gazzola (2008) *apud* Albuquerque; Williams; D’Affonseca (2013). Embora o trabalho a ser desenvolvido por nosso grupo de pesquisadores do IFSC não foque especificamente no bullying praticado no ambiente escolar, a pesquisa de Olweus (1991) torna-se necessária à que se pretende desenvolver, uma vez que a escola, provavelmente, mostra-se como um dos ambientes socializadores mais prováveis quanto à recorrência da prática de bullying.

Segundo o mesmo autor (Olweus, 1991), o *bullying* divide-se em quatro grandes categorias: *físico*, o qual envolve comportamentos como empurrar, bater, chutar; *verbal*, cujo foco recai sobre as ameaças e xingamentos; *relacional*, cuja meta é danificar o relacionamento entre pares. Nesse caso, tem-se como exemplo a exclusão de um membro nas atividades e a propagação de fofocas e mentiras; e o *sexual*, abarcando condutas e comentários de cunho sexual. Por fim, mas não menos importante, recentemente presencia-se o *cyberbullying*, cujas agressões são feitas por meio de recursos eletrônicos, como computadores e celulares.

Outro ambiente socializador importante para o estudo das práticas de bullying, como mostram as pesquisas de Trautmann (2008) *apud* Albuquerque (2013) e Pinheiro & Williams (2009) *apud* Albuquerque, Williams, D’Affonseca (2013), é o familiar. Nele, crianças e adolescentes podem aprender a imitar comportamentos agressivos e podem estar expostos a conflitos parentais e vivência de punição física, gerando, possivelmente, impactos para fora da esfera doméstica. Assim, a recorrência de relações não saudáveis em casa podem influenciar as relações construídas pelos indivíduos em outros ambientes socializadores, tais como a escola, a igreja, o clube, a vizinhança.

Pinheiro e Williams (2009) *apud* Albuquerque, Williams, D’Affonseca (2013), exemplificando-se, observaram em sua pesquisa que estar exposto à violência interparental esteve associado em ser alvo/autor de *bullying* na escola, sendo que a probabilidade de ser vítima de *bullying* foi 2,6 vezes maior para os estudantes expostos a qualquer tipo de violência por parte da mãe em relação àqueles que

não a sofreram; e os alunos que declararam ter sofrido violência por parte do pai tinham 3,1 vezes mais chances de relatar também vitimização por *bullying*. Nessa mesma lógica, Bauer et al. (2006) *apud* Albuquerque, Williams e D'Affonseca (2013) afirmam que um possível fator de risco para o *bullying* é a exposição à violência doméstica, já que crianças que experimentam essa situação aprendem modelos de relacionamento negativos, em que a violência é entendida como método natural para resolução de conflitos.

Por essa razão, compreender essas dinâmicas ocorridas em distintos ambientes socializadores são fundamentais no desenvolvimento do trabalho proposto por este grupo de pesquisadores do IFSC, tendo em vista que a sistematicidade com que os indivíduos são e foram alvo de *bullying* pode ter lhes gerado o que a psiquiatria e psicologia denominam de Transtorno de Estresse Pós-traumático, tema principal de nosso trabalho.

Como se percebe, o *bullying* não se revela como um fenômeno isolado. Trata-se de um fenômeno construído a partir do contato com diversos contextos, a serem problematizados ao longo da pesquisa que irá ser iniciada. Abaixo, trazem-se à tona três pesquisas que relacionam o *bullying* ao Transtorno de Estresse Pós-traumático.

Elklit e Petersen (2008) *apud* Albuquerque, Williams e D'Affonseca (2013) realizaram uma pesquisa com estudantes de quatro países europeus, com idade média de 14,5 anos, no intuito de se investigar a prevalência de eventos traumáticos (como abuso, negligência e *bullying*) e o impacto psicológico desses eventos, inclusive o desenvolvimento de sintomas de TEPT (Transtorno de Estresse Pós-Traumático). Os estudiosos verificaram que 90% dos adolescentes pesquisados disseram ter experimentado ao menos um evento traumático, sendo que a média de exposição foi de 2,6 eventos. Dos participantes que sofreram um evento traumático, 25% relataram ter sofrido humilhação ou *bullying* durante a infância.

Já Crosby et al. (2010) *apud* Albuquerque, Williams e D'Affonseca (2013) realizaram uma pesquisa com 244 estudantes, com idades entre 10 a 14 anos, de três escolas rurais dos Estados Unidos. Os autores buscaram comprovar a hipótese de que o *bullying* sofrido pelos sujeitos poderia estar associado aos sintomas de TEPT. Concluiu-se que 13,5% dos participantes relataram ter sido vitimizados por um colega da escola pelo menos uma vez por semana, e 66% relataram ter presenciado alguém sofrer *bullying* ao menos uma vez no último ano.

Por fim, Mynard et al. *apud* Albuquerque (2000) realizaram um estudo com 331 crianças e adolescentes, com idades entre 8 e 11 anos de escolas da Inglaterra e descobriram que experiências de vitimização por *bullying* estavam associadas ao estresse pós-traumático. Os dados obtidos sugerem que cerca de um terço das

crianças que sofreram *bullying* podem apresentar níveis significativos de estresse pós-traumático.

De acordo com a realização de nosso estado da arte, ainda são poucas as pesquisas que analisam a relação entre o *bullying* e as suas possíveis consequências traumáticas, ainda mais quando se problematizam consequências traumáticas a longo prazo, foco principal da pesquisa que buscamos empreender. Sob essa perspectiva, nossa pesquisa encontra terreno fértil para seu desenvolvimento, principalmente porque buscaremos sujeitos que já foram diagnosticados com essa doença há mais tempo. Além disso, ao focarmos em análises qualitativas em detrimento de quantitativas, empregando a metodologia de estudo de casos, a nossa pesquisa fornecerá subsídios para compreender, em retrospectiva, como os fatores desencadeadores do trauma moldaram a história desse indivíduo e de que modo influenciaram na sua rotina de vida.

Como sugerido anteriormente no projeto de pesquisa, a exposição contínua de uma pessoa à violência pode gerar nela a experiência traumática a qual afeta, a curto e a longo prazo, o seu bem-estar físico, social e emocional. Desse modo, em virtude dos impactos das experiências traumáticas sobre a saúde mental dos indivíduos, essas podem criar neles tanto a resiliência quanto à vulnerabilidade (Miller *apud* Albuquerque, 2007).

O breve estado da arte realizado neste projeto de pesquisa parece sugerir que há uma relação entre a experiência de *bullying* e o desenvolvimento de sintomas de TEPT. Em virtude da carência de estudos, não se pode afirmar categoricamente sobre os efeitos a longo prazo do *bullying* e de quais sintomas da TEPT são desenvolvidos pelos sujeitos a partir da prática do *bullying*. Nesse sentido, o estudo de caso a ser realizado na presente pesquisa parece cumprir um papel importante, adicionando reflexões pertinentes ao campo de pesquisa.

Pesquisas futuras se revelam importantes para responder aos questionamentos presentes na referida área de estudo, de modo a construir com mais consistência problematizações em relação aos dados coletados até agora. Para tal, seria preciso que tais trabalhos empregassem diferentes métodos de investigação, pois a maioria dos realizados até aqui usaram dados advindos de todos os estudos aqui descritos usaram basicamente dados provenientes de questionários. Sob esse viés, a proposta de trabalho do grupo de pesquisadores do IFSC adiciona ao campo de pesquisa uma importante ferramenta metodológica: a entrevista, a qual buscará aprofundar sobre as dinâmicas que envolvem a relação entre *bullying* e o Transtorno de Estresse Pós-traumático, além de buscar compreender, pela história do sujeito, os fatores desencadeadores que o levaram a desenvolver o TEPT e como a doença influencia sua rotina. Trata-se de aprofundamentos relevantes, já que a escola, possivelmente, seja um dos ambientes socializadores onde mais se presencia a prática de *bullying*.

7. Fundamentação teórica

7.1 A história do Transtorno do Estresse Pós-traumático (TEPT)

As teorias que discorrem sobre os transtornos psiquiátricos quase sempre se polarizaram entre causas estritamente psicológicas ou, por outro lado, fatores ambientais externos. Até atualmente, essa questão não é bem resolvida, já que os eventos traumáticos dependem de condições sociais, econômicas, culturais e políticas (como a pobreza, a miséria, guerras, maus tratos e opressão de crianças, de mulheres, de imigrantes, ou grupos étnicos perseguidos e estigmatizados). Em muitos contextos, tais situações eram ou ainda são entendidas como menos importantes.

Desde o início do envolvimento da psiquiatria com pacientes traumatizados, há debates sobre a origem do trauma: seria ele orgânica ou psicológica? O que é traumático é o próprio evento ou a interpretação subjetiva desse evento? É o próprio trauma que ocasiona o transtorno mental ou são vulnerabilidades prévias do sujeito que fazem com que ele desenvolva o trauma? Esses questionamentos seguem em discussão.

Junto a esses questionamentos, vieram várias interpretações do que seria o conceito de Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT). Faz-se, então, necessário levantar alguns trabalhos que buscam compreender a origem do conceito até a definição atual.

A primeira vez que o termo trauma foi empregado se deu em 1889, pelo neurologista alemão Hermann Oppenheim. Esse termo ficou conhecido como “neurose traumática” e tendo como causa apenas fatores orgânicos. Somente em 1859, o psiquiatra francês Pierre Briquet estabeleceu uma primeira relação entre trauma e psicologia. Em seus estudos, de 501 mulheres pesquisadas, 76% desenvolveram trauma em virtude de histórias sexuais violentas na infância.

Essa lógica francesa estendeu-se para outros estudiosos, tais como Charcot (1887) e seus discípulos. Contudo, dois deles, Gilles de la Tourette e Joseph Babinski, seguiram outro caminho e formularam um modelo orgânico-neurológico para compreender o trauma. Segundo eles, os elementos psicológicos do trauma nada mais eram do que fruto da sugestão do terapeuta e da simulação do paciente. Já Pierre Janet e Sigmund Freud foram ao encontro dos estudos de Charcot (1887) e aprofundaram os componentes emocionais das situações traumáticas.

Em 1887, Janet afirmou que as memórias da experiência traumática não conseguiam ser integradas na consciência e dela permaneciam dissociadas. Isso significa dizer que as memórias do trauma permanecem inconscientes e guiando ações involuntárias dos sujeitos, fazendo com que eles apresentem percepções

abundantes de terror, preocupações obsessivas e reações ansiosas. Esses sintomas só podem ser minimizados, quando o paciente elabora sua própria narrativa pessoal.

Em 1885, Freud também sugere que os histéricos sofriam alguma experiência traumática e que se fixavam nessa experiência. Em 1896, Freud propôs que a experiência sexual fosse a causa específica da histeria.

Um ano depois, em 1887, no entanto, Freud promoveria uma guinada decisiva no seu pensamento, ao descobrir que boa parte das histórias de sedução sexual dos 18 casos de histeria que estudou poderiam ter sido imaginárias ou, até mesmo, sugeridas por ele aos pacientes. Essa mudança do pensamento freudiano teve pelo menos duas consequências cruciais: de um lado, fundou efetivamente a psicanálise como uma nova ciência; por outro, colocou o papel das experiências ambientais como menos importantes.

Ao ser confrontado com os quadros psiquiátricos desencadeados pela Primeira Guerra Mundial, de 1914 a 1918, Freud retoma o tema das neuroses traumáticas. Ele enfatiza novamente a importância da intensidade dos estressores externos traumáticos, os quais causam o rompimento da "barreira de estímulos", que protegeria o ego das estimulações excessivas do ambiente externo. Assim, o organismo, incapaz de lidar com a intensidade da estimulação, veria seu aparelho mental inundado por ela, causando paralisia mental e intensas tempestades emocionais.

Contudo, foi somente com Abram Kardiner, psicanalista ex-analisando de Freud, que as dimensões intrapsíquicas e ambientais ganharam um estudo mais sistematizado no estudo do trauma. Kardiner publica, à época da Segunda Guerra Mundial, em 1941, um livro sobre "As Neuroses Traumáticas de Guerra", que passa a ser considerado por vários autores especializados como a obra que viria a definir, pelo resto do século XX, o que seria o Transtorno de Estresse Pós-Traumático. Segundo seus achados clínicos, pacientes que sofriam de "neuroses traumáticas" desenvolviam uma permanente hipervigilância e sensibilidade frente às ameaças ambientais.

Com o fim da guerra, desenvolveram-se várias iniciativas no tratamento para as síndromes traumáticas. Tanto Walter Menninger, nos EUA, quanto Bion e seus colegas, na Inglaterra, descobriram a importância da psicoterapia de grupo e dos tratamentos dentro de "comunidades terapêuticas" com pacientes traumatizados pela guerra. O mesmo ocorreu com traumas de indivíduos que estiveram nos campos de concentração ("síndrome do campo de concentração"), revelando, mais uma vez, que pessoas submetidas a grandes situações traumáticas desenvolviam graves impactos biológicos, psicológicos e sociais, incluindo uma capacidade diminuída de lidar com futuros estresses ao longo da vida.

Em 1970, dois psiquiatras americanos, Chaim Shatan e Robert J. Lifton, realizavam encontros de grupo com pacientes veteranos da guerra do Vietnã, em Nova York. A ideia começou a se espalhar por todas as instituições americanas que tratavam desses pacientes. Shatan e Lifton começaram a ler Kardiner e a literatura sobre sobreviventes do Holocausto e os trabalhos existentes sobre vítimas de acidentes e queimaduras. Retiraram desse lugar uma lista dos vinte e sete sintomas mais comuns de "neuroses traumáticas", comparando-os com as fichas clínicas de 700 pacientes veteranos do Vietnã. Essa metodologia se mostrou o embrião dos critérios usados pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-III) para incluir a categoria de Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT) na sua classificação diagnóstica. Dentro dessa nova categoria, foram então incluídas diversas síndromes como a do "trauma do estupro", da "mulher espancada", dos "veteranos do Vietnã" e a da "criança abusada".

A definição original de TEPT no DSM-III requeria apenas um sintoma de re-experimentação, dois sintomas de "embotamento" emocional e um sintoma de uma lista de sintomas inespecíficos, sem critérios de duração. Esses critérios foram utilizados em estudos populacionais como o Epidemiological Catchment Area (ECA) e restringiam os eventos traumáticos a abuso sexual, assaltos, desastres naturais e guerras. Essas informações levaram à revisão dos critérios na edição do DSM-III (DSM-II-R) com o agrupamento de sintomas na forma como é apresentado pelo DSM-IV, onde os sintomas são classificados como manifestações de re-experimentação, evitação ou *hyperarousal* (excitabilidade aumentada).

Esses critérios, inicialmente resultados de uma compilação de sintomas da literatura especializada, do exame detalhado de fichários clínicos e de um cuidadoso processo político, foram posteriormente afinados por cuidadosas pesquisas de campo, clínicas e epidemiológicas, quando o TEPT foi então reavaliado para sua inclusão no DSM-IV, em 1994. A maior modificação no DSM-IV está relacionada à definição de trauma. Enquanto o DSM-III-R enfatiza que o trauma é uma experiência fora da normalidade, um grande número de evidências sugeria que os desencadeantes típicos do TEPT eram eventos relativamente comuns na vida das pessoas. Sendo assim, o DSM-IV enfatiza o quão ameaçador e aterrorizante foi o trauma para aquele determinado indivíduo, sem mencionar a "anormalidade" do evento. O DSM-IV inclui pela primeira vez critérios para Transtorno de Estresse Agudo, que consiste em perturbações psíquicas, semelhantes àquelas do TEPT, que ocorrem em muitos indivíduos após um trauma, com duração máxima de um mês. Esse passa, então, a ser também um diagnóstico bastante importante, uma vez que um diagnóstico de Transtorno de Estresse Agudo parece predispor o indivíduo ao TEPT.

A história do TEPT mostra que ainda há muito caminho de estudos a ser percorrido para a compreensão dos impactos que a doença pode causar na trajetória de vida do paciente. Conhecer o quão recentemente o TEPT foi incluído no DMS pode revelar como portadores desse diagnóstico sofreram sem o devido tratamento e como esse tratamento exige especialização e interdisciplinaridade. Por essa razão, faz-se necessário estudar com mais sistematicidade o *bullying*, de maneira a minimizá-lo nos diferentes ambientes socializadores, já que os estudos apontam como a prática pode influenciar o desenvolvimento do TEPT. No que toca aos pesquisadores da pesquisa que se iniciará, não se é possível refletir sobre *bullying* fora da perspectiva também escolar.

7.2 Bullying e as consequências para a vida

Para Neto (2005) *apud* Albuquerque; Williams; D’Affonseca (2013), “o bullying compreende todas as atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais indivíduos, em geral estudantes, contra outro (s), causando-lhe dor e angústia, sendo executadas dentro de uma relação desigual de poder”. Este difere de outros tipos de agressões pelo fato de ser um comportamento repetitivo, deliberado e intencional, não se referindo a divergências de ponto de vista ou de ideias contrárias que provocam desentendimentos e brigas. O que tornam graves os atos de incivilidade, intimidação, assédio ou qualquer outro termo que se queira relacionar ao bullying são exatamente a sua continuidade, que causa às vítimas sensações de abandono e insegurança e aos agressores o sentimento de impunidade e poder (FREIRE e AIRES 2012 *apud* Carvalho; Camargos; Reis). De acordo com Sousa et al. (2011, p.13) *apud* Chalita (2008, p. 81), “O fenômeno bullying não escolhe classe social ou econômica, escola pública ou privada, ensino fundamental ou médio, área rural ou urbana. Está presente em grupos de crianças e jovens, em escolas de países e culturas diferentes. ”

A palavra *bullying* deriva do inglês *bully*, que apresenta duas definições; como substantivo o termo *bully* significa agressor e, como verbo, significa intimidar, e o seu derivado *bullying* definido como comportamento agressivo (HUMPEL, BENTO e MADABA, 2019 *apud* Carvalho; Camargos; Reis, 2022). O tema chegou ao Brasil no fim dos anos 90 e início de 2000, e as pesquisas realizadas englobavam unicamente a realidade dos locais onde eram realizadas. Mas, na década de 80, já se realizavam estudos sobre a depredação de prédios escolares e aos poucos os estudos atingiram as relações interpessoais agressivas (FREIRE e AIRES, 2012 *apud* Carvalho; Camargos; Reis, 2013). O professor e pesquisador norueguês Dan Olweus foi o primeiro a relacionar a palavra *bullying* ao fenômeno. Em 1982, três crianças se suicidaram no norte da Noruega. Tinham idade entre 10 e 14 anos e o motivo de tal acontecimento foram as constantes agressões sofridas por eles na escola (PORTAL EDUCAÇÃO, 2020).

Bandeira e Hutz (2012, p.550) *apud* Carvalho; Camargos; Reis (2012) afirmam que o ambiente escolar desempenha um papel de grande importância no desenvolvimento social de crianças e adolescentes. As instituições de ensino atuam como cenário de vários processos e fenômenos grupais, dentre eles a violência escolar. A violência nas escolas é um problema social grave e complexo e, provavelmente, o tipo mais frequente e visível da violência juvenil (NETO, 2005 p.32) *apud* Albuquerque; Willians; D’Affonseca(2013). De acordo com Rosa (2010 p.54), a violência nas escolas é um fenômeno real que já faz parte dos problemas sócio-políticos do país, sendo o *bullying* uma de suas principais manifestações. O *bullying* escolar pode ser descrito como um fenômeno social, que possui características específicas e deve ser analisado a partir das peculiaridades de cada contexto, considerando a subjetividade dos envolvidos bem como as características sociais, culturais e econômicas de cada realidade (FREIRE; AIRES, 2012 p.7 *apud* Chiorin, 2007). Logo, é preciso investigar os fatores que estão levando os estudantes a agirem de forma agressiva, interpretando o fenômeno da violência escolar de modo a compreender os problemas interpessoais e macrosociais, partindo da análise das relações existentes entre os diversos ambientes nos quais os indivíduos estão inseridos (FREIRE; AIRES, 2012 *apud* CHIORLIN, 2007).

De acordo com estudo realizado por Reis (2020 p.25) *apud* Carvalho; Camargos; Reis (2021), quase não se investiga sobre os fatores sociais que incentivam a prática do fenômeno *bullying*. Em pesquisa realizada pelo autor, foram levantados alguns dados sobre os responsáveis pelo *bullying* e a conclusão que se teve é que dentre os entrevistados, a maioria associa a ação do *bullying* ao prazer e a diversão. Os entrevistados disseram que de alguma maneira o ato proporciona a capacidade de lidar com as próprias adversidades, e os mesmos sugerem que as vítimas tenham a mesma percepção, ou seja, para os praticantes de *bullying* suas vítimas levam as atitudes na "brincadeira". A incompreensão sobre o fenômeno é um possível fator que pode promover a banalização do *bullying*, e de acordo com a pesquisa, para os alunos, o *bullying* nada mais é do que uma prática normal que faz parte do processo de socialização no ambiente escolar (REIS, 2020)*apud* Carvalho; Camargos; Reis (2021). Segundo Neto (2005 p.3) *apud* Albuquerque; Willians, D’Affonseca (2013), aproximadamente 20% dos alunos que são autores do *bullying* também sofrem com o ato, sendo denominados alvos/autores. E esse fenômeno pode estar relacionado a possíveis alterações psicológicas, ou ligado diretamente a baixo autoestima, depressão, insegurança e outros fatores que podem favorecer a prática de *bullying* como meio de encobrir as próprias limitações. Dentre as possíveis razões que podem levar autores de *bullying* ao comportamento agressivo estão o desajuste social, a permissividade, excesso de tolerância e/ou opressão parental, necessidade de aceitação pessoal associado a relação de prazer envolvido na prática da conduta, que de certa forma coloca o autor como sujeito de relevância perante a vítima (REIS, 2020 *apud* CARVALHO; CAMARGOS; REIS 2021).

Neto (2005 p.45) menciona em seu artigo alguns dos fatores de risco que podem estar associados ao comportamento do autor praticante de *bullying*, que podem ser econômicos, sociais e culturais, podendo impactar direta ou indiretamente no comportamento do agressor. Nota-se também aspectos inatos de temperamento e influências familiares, de amigos, da escola e da comunidade, que podem constituir riscos para a manifestação do *bullying*, causando impacto no desenvolvimento e na saúde da criança ou adolescente. Dentre as condições familiares que podem favorecer o desenvolvimento agressivo na criança e no adolescente estão a falta de estrutura familiar, pobreza de afeto, maus tratos físicos, explosões emocionais como forma de afirmação de poder dos pais ou responsáveis, negligência e falta de limites (MATOS, 2020).

De acordo com Pereira (2012 p.609), a infância e a adolescência são etapas fundamentais do desenvolvimento físico e psíquico do sujeito. Durante essas fases é essencial que o indivíduo seja protegido, especialmente em situações de violência ou traumas, pois esses podem contribuir para inúmeros prejuízos na estrutura psíquica da vítima que podem persistir até a fase adulta. Os traumas causados pelo bullying nos alunos vitimados podem ter consequências terríveis em toda sua vida, dependendo da frequência e intensidade do assédio, bem como das características da vítima, variando em relação ao impacto sobre diversas esferas da vida dos indivíduos (ALBUQUERQUE, WILLIAMS e D’AFFONSECA, 2013).

Pessoas que sofrem bullying quando crianças são mais propensas a sofrerem depressão e baixa autoestima quando adultos. Da mesma forma, quanto mais jovem for a vítima, maior será o risco de apresentar problemas associados a comportamentos antissociais quando adultos, instabilidade no trabalho e relacionamentos afetivos pouco duradouros (NETO, 2005).

A exposição precoce à violência pode ser uma experiência traumática que afeta, a curto e a longo prazo, o bem-estar físico, social e emocional das vítimas. Dessa forma, devido ao impacto dos eventos traumáticos sobre a saúde mental dos indivíduos, essas experiências podem predispô-los tanto à resiliência quanto à vulnerabilidade (ALBUQUERQUE, WILLIAMS e D’AFFONSECA, 2013 *apud* MILLER, 2007).

Diante de tantas informações relevantes sobre este fenômeno, não podíamos deixar de relatar sobre as doenças psicossomáticas que estão associadas ao *bullying* como: ansiedade, depressão, fobia, síndrome do pânico, compulsão, distúrbios emocionais e descontrole na personalidade, que em casos mais graves, pode levar ao homicídio ou suicídio.

Como se nota, a maioria das pesquisas encontradas demonstraram os impactos negativos que o *bullying* pode provocar tanto na vítima quanto no agressor. Nessa complexidade, a pesquisa pretende ser desenvolvida. A gravidade do *bullying* e a

sua possível influência no diagnóstico do TEPT T não pode ser esquecida. Ao contrário, deve-se aprofundar nos estudos, de maneira a compreender as nuances da problemática.

8. Percursos metodológicos

Como o próprio título do trabalho antecipa, a pesquisa adotou a metodologia do estudo de casos:

[...] podemos dizer que o estudo de caso etnográfico deve ser usado: (1) quando se está interessado numa instância particular; (2) quando se deseja conhecer profundamente essa instância particular em sua complexidade e em sua totalidade; (3) quando se estiver mais interessado naquilo que está ocorrendo e no como está ocorrendo do que nos seus resultados; (4) quando se busca descobrir novas hipóteses teóricas, novas relações, novos conceitos sobre um determinado fenômeno e (5) quando se quer retratar o dinamismo de uma situação numa forma muito próxima do seu acontecer natural. (ANDRÉ, 1995, p. 51-52)

No estudo de casos de abordagem etnográfica, deve-se deixar claro que o critério de escolha de uma cultura é sua singularidade, de forma que esse grupo representa um caso digno de ser pesquisado, seja porque é representativo de outros casos, seja porque é completamente distinto de outros casos. No trabalho a ser realizado, buscaremos indivíduos que poderão ser representativos no estudo sobre a relação entre bullying e o TEPT, esses indivíduos serão localizados por meio da “rede de solidariedade” dos pesquisadores (BORDIEU, 1998, p.695 apud Oliveira, 2015).

A pesquisa se baseará, essencialmente, no enfoque metodológico das pesquisas qualitativas, que “não admitem regras precisas e aplicáveis a uma ampla gama de casos. Além disso, as pesquisas qualitativas diferem bastante quanto ao grau de estruturação prévia, isto é, quanto aos aspectos que podem ser definidos já no projeto.” (ALVES-MAZZOTTI, 2001, p. 147, *apud* Oliveira, 2015). Nesse tipo de pesquisa, o ambiente natural é a fonte direta para a coleta de dados e o pesquisador ocupa função de instrumento-chave. Isso implica dizer que alguns aspectos inerentes à coleta de dados só poderão ser pontuados a partir da imersão do grupo de pesquisadores na realidade dos sujeitos diagnosticados com TEPT.

De imediato, pensamos em quem seriam nossos sujeitos pesquisados. Embora ainda não estejam claros os critérios mais específicos na escolha desses sujeitos, compreendemos que se trata de indivíduos que tiveram sua rotina interrompida por um evento traumático de *bullying*, o qual desencadeou um diagnóstico médico de Transtorno de Estresse Pós-traumático. Nessa perspectiva, os sujeitos de

pesquisa serão encontrados, em sua maioria, por meio das redes de solidariedade que, segundo Bourdieu, busca a interação entre grupos de pessoas cuja interação já foi estabelecida entre os pesquisadores e seus conhecidos: familiares, amigos, vizinhos. (BOURDIEU, 1998 *apud* OLIVEIRA, 2015). Em uma pesquisa qualitativa, o movimento inicial deve ser o de aproximação, o que implica uma inserção do pesquisador no campo a ser investigado, a partir de quando se delinearam os próximos passos metodológicos.

As entrevistas com os pesquisados, principal método a ser empregado, procurará produzir relações de diálogo pautadas nas premissas de Bourdieu (1998) *apud* Oliveira (2015), de uma comunicação não violenta. Uma vez que, na maioria das situações, é o pesquisador quem dirige a entrevista rumo aos objetivos a serem alcançados por sua pesquisa, instaura-se uma dissimetria, em que o investigador porta um poder maior se comparado ao dos participantes de pesquisa. Urge, assim, a fundamental necessidade de se reduzir os níveis de uma violência simbólica, o que se torna possível mediante uma escuta ativa e metódica, pressupondo-se “a submissão à singularidade de sua história particular.” (BOURDIEU, 1998, p.695 *apud* Oliveira, 2015).

Com o emprego da entrevista semiestruturada e conversas informais, buscaremos privilegiar os relatos da trajetória desses indivíduos, considerando fatos e situações importantes em suas vidas pessoais que poderiam ter influenciado no desenvolvimento do TEPT. Para alcançar tal objetivo, recorreremos a Alves Mazzotti e Gewandsznajder (1999) *apud* Oliveira (2015), os quais salientam que as entrevistas cujas intenções são as de recuperar as histórias de vida dos participantes caracterizam-se por trazer à tona elementos do passado e associá-los ao presente.

No processo de transcrição das entrevistas, optamos por utilizar alguns sinais convencionados, sugestões de Marcuschi (1991) *apud* Oliveira (2015), com adaptações. Importante salientar que de Marcuschi (1991) não herdaremos a lógica de sua transcrição, apenas assumimos alguns de seus sinais. Além disso, tendemos a nos aproximar da Língua Culta da Língua Portuguesa, suprimindo termos tipicamente orais, tendo em vista que o estudo da variação linguística não é foco da pesquisa e tendo em mente os potenciais leitores da pesquisa, que se beneficiarão de uma leitura com maior fluidez. Baseamos, aliás, na própria fala de Marcuschi:

Não existe a melhor transcrição. Todas são mais ou menos boas. O essencial é que o analista saiba quais são os seus objetivos e não deixe de assinalar o que lhe convém. De um modo geral, a transcrição deve ser limpa e legível, sem sobrecarga de símbolos complicados (MARCUSCHI, 1991, p. 9).

9. Cronograma

2023	Fevereiro	Março	Abril	Maiο	Junho	Julho
Revisão Bibliográfica	x	x	x	x	x	
Entrevistas		x	x	x		
Transcrição das entrevistas				x	x	
Análise de interpretação dos dados		x	x	x		
Produção do Relatório Final				x	x	x
Apresentação do Relatório Final						x

10. Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE, Paloma Pegolo de; WILLIAMS Lúcia Cavalcante de Albuquerque; D’AFFONSECA; Sabrina Mazo. Efeitos tardios do bullying e transtorno de estresse pós-traumático: uma revisão crítica. **Psicologia: Teoria e Pesquisa, Brasília v.29, p. 91-98, jan./mar. 2013**. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/ptp/a/9CSyDcyzjxBhyP6txFNYfVp/?lang=pt>>. Acesso em: 25 out. 2022.

CARVALHO, Angélica Maria Silva; CAMARGOS, Nataniely Neves; REIS, Simone dos. O BULLYING NA INFÂNCIA E SEUS EFEITOS NA VIDA ADULTA. **UNA**. Belo Horizonte, p. 0-35. 2021. Disponível em: <<https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/14051/1/TCC%20FINAL%203.pdf>> .Acesso em: 10 out. 2022.

FIGUEIRA, Marcelle de paula; OKADA, Letícia Martins; LEITE, Tatiane Henriques et al. Associação entre supervisão parental, vitimização e perpetração de bullying em adolescentes brasileiros, Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2015. **Revista do Sus**, Brasília, v.31, p. 1-14, 2022. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ress/a/pQJV7t5QxfsJK6bNtFWp3wj/?format=pdf&lang=pt>> .Acesso em: 16 out. 2022.

FIGUEIRA, Ivan; MENDLOWICZ, Mauro. Diagnóstico do transtorno de estresse pós-traumático. **SciELO**, 2003. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1516-44462003000500004>> Acesso em: 21 nov. 2022

OLIVEIRA, Virgínia de Souza Avila. Um Estudo de Caso do Letramento Literário. **Faculdade de Educação, UFMG**. Belo Horizonte, p.0- 287. 2015. Disponível: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUBD-A4LJK2/1/virginia_tese.pdf . Acesso em: 2 nov. 2022.

PIGOZZI, Pamela Lamarca; MACHADO, Ana Lúcia. Bullying na adolescência: visão panorâmica no Brasil. **SciELO**, 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csc/a/YLcVTsBftTw8SPnW3P935cx/?lang=pt>> Acesso em: 21 nov. 2022.

SCHESTATSKY, Sidnei; SHANSIS, Flávio; CEITLIN, Lucia Helena; ABREU, Paulo B S; HAUCK Simone. A evolução histórica do conceito de A evolução histórica do conceito de estresse pós-traumático estresse pós-traumático. **Revista Brasil Psiquiátrica**. v.25 n.1 p.8-11. 2003. disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/rbp/a/gxnPtSK5x4qBfCtnQ6Sq9LB/?lang=pt>>. Acesso em:
22 out. 2022